



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**Antropologia da educação: diversidade em ambiente escolar e a visão dos
educadores**

BIANCA JACOBY

Foz do Iguaçu

Ano 2021



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**Antropologia da educação: diversidade em ambiente escolar e a visão dos
educadores**

BIANCA JACOBY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientador: Prof. Dr. Waldemir Rosa

Coorientadora: Prof. Mes. Lívia Fernanda Morales

Foz do Iguaçu

Ano 2021

BIANCA JACOBY

Antropologia da educação: diversidade em ambiente escolar e a visão dos educadores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Waldemir Rosa - UNILA

Coorientadora: Prof. Mes. Lívia Fernanda Morales - UNILA

Prof. Dr. Antonio de la Pena Garcia - UNILA

Prof. Dr. Angela Maria de Souza - UNILA

Foz do Iguaçu, 30 de outubro de 2021.

Dedico este trabalho a todas as
pessoas que têm amor à Educação, e
esperam sempre um mundo melhor,
de amor, respeito para com todos...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família que sempre esteve do meu lado, me dando apoio, sem me deixar desistir, apesar das dificuldades que iam aparecendo.

Agradeço aos meus professores/orientadores Waldemir e Livia, que puderam me orientar nesse caminho de pesquisa e escrita, muito obrigada por todos os ensinamentos, e pela ajuda nesse processo. E a todos os professores da Universidade que me trouxeram diversos ensinamentos durante esses anos de caminhada.

Agradeço aos meus colegas pela caminhada e pelas aprendizagens que tivemos uns com os outros.

Agradeço aos meus amigos, Mariane Ledur, Fernanda Winter, Morgana de Oliveira, Franciéle Pereira, Letícia Mayer, Gabriel Krzyzanowski e Luis Angeles por sempre estarem ao meu lado, são amizades que fazem a diferença na minha vida.

Agradeço aos professores que aceitaram o convite e se disponibilizaram a fazer a entrevista para a pesquisa.

E agradeço também a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, tenho muito orgulho em poder dizer que fui aluna desta universidade linda.

**“Compreender a cultura de um povo
expõe a sua normalidade sem reduzir
sua particularidade.”**

CLIFFORD GEERTZ

JACOBY, Bianca. **Antropologia da educação: diversidade em ambiente escolar e a visão dos educadores**. 2021. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia- Diversidade Cultural Latino-Americana) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

RESUMO

No cotidiano das instituições escolares a diversidade se mantém presente seja na etnia de seus alunos, na língua ou nos processos interculturais presentes na sua educação, e é com essa diversidade que os professores precisam saber lidar em seu dia a dia dentro de um espaço escolar. Este trabalho visa compreender o tema da diversidade no espaço escolar. Pensando nisso, teve como objetivo principal compreender como os docentes do Colégio Estadual do Campo Santa Rosa do Ocoi lidam com a diversidade em seu dia a dia dentro de uma sala de aula. Para isso, a metodologia utilizada foi a entrevista, e após ela uma reflexão unindo os dados e bibliografia. Sendo assim, a pesquisa nos mostra quais as principais dificuldades dos docentes em sala, com relação aos conteúdos, como eles lidam com determinadas situações quando um assunto relacionado à diversidade surge, e também a falta de formação em relação ao tema.

Palavras-chave: Diversidade. Dificuldades. Formação de professores. Antropologia da Educação.

JACOBY, Bianca. **Antropología de la educación: diversidad en el ambiente escolar y la visión de los educadores**. 2021. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Antropologia- Diversidade Cultural Latino-Americana) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

RESUMEN

En la vida cotidiana de las instituciones escolares, la diversidad está presente tanto en la etnia de sus alumnos, como en el idioma o en los procesos interculturales presentes en su educación, y es con esta diversidad que los docentes necesitan saber afrontar en su día a día en el entorno escolar. Este trabajo pretende comprender el tema de la diversidad en el espacio escolar. Con esto en mente, su principal objetivo fue comprender cómo los docentes del Colegio Estadual do Campo Santa Rosa do Ocoi abordan la diversidad en su rutina diaria en el aula. Para ello, la metodología utilizada fue la entrevista, y luego una reflexión uniendo los datos y la bibliografía. Así, la investigación nos muestra las principales dificultades de los docentes en el aula, en relación a los contenidos, cómo afrontan determinadas situaciones cuando surge un tema relacionado con la diversidad, y también la falta de formación en relación al tema.

Palabras clave: Diversidad. Dificultades. Formación de profesores. Antropología de la Educación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –Distância do Colégio do centro da cidade.....	19
Figura 2 - Localização do Colégio na comunidade.....	19

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
PNE	Plano Nacional de Educação
DCN's	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1 – O campo	17
1.1 O Colégio	17
1.2 Os Professores	20
1.3 O método da coleta de dados	20
Capítulo 2 – Um pouco da relação entre Antropologia e a Educação	22
Capítulo 3 – O estudo de caso	25
3.1 A questão da diversidade em ambiente escolar	25
Considerações Finais	46
Referências bibliográficas	47

Introdução

A decisão de estudar Antropologia surge, ao mesmo tempo em que tenho mais facilidades para matérias que são relacionadas à humanidade, da vontade de estudar na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Escolher esse curso foi difícil, pois, fiquei meses com outro curso em mente, porém, as matérias da grade curricular de Antropologia me chamaram a atenção, busquei mais sobre, e agora estou aqui me formando nesse curso, nessa Universidade, que me trouxeram e me ensinaram diversas coisas, e me proporcionaram uma evolução em vários sentidos.

E o tema deste trabalho surge do amor que tenho pela educação, sou rodeada por professores em minha família e acredito que isso também tenha contribuído para minha escolha, e também por conta de ter começado a estudar Pedagogia, acredito que isso só contribuiu mais para confirmar essa escolha.

A pesquisa seria feita, a princípio, por meio de trabalho de campo, com visita frequente à escola; observações no ambiente da sala de aula; nos momentos de intervalo; conversas com os professores e alunos, porém, com a pandemia do novo Covid-19, ocorrendo o fechamento das escolas, algumas coisas não saíram como planejado, tive que mudar minha forma de obter os dados para o trabalho, a metodologia teve que ser modificada, sendo assim, a pesquisa foi feita por meio de entrevistas online com os docentes do Colégio.

Bronislaw Malinowski (1884–1942) foi um dos primeiros pesquisadores a trazer a pesquisa de campo, como sendo o núcleo articulador da pesquisa etnográfica. Ele nos traz no começo de seu livro *Argonautas do pacífico ocidental* (1922) uma descrição de como fez a sua pesquisa de campo e coletou seus dados no campo, que aconteceu com os habitantes do arquipélago de Trobriand, que se localiza na Melanésia.

Clifford Geertz (1926-2006) também é um antropólogo e nos traz a questão da etnografia em seu livro *A interpretação das culturas* (2008);

Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. [...] Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. (GEERTZ, 2008, p.4).

O fazer etnográfico, como ele diz, é a tentativa de lermos algo, como um manuscrito que nos é estranho, está desbotado. Assim a etnografia no ambiente da escola seria uma forma de ler o que acontece no dia a dia escolar, quais situações perpassam aquele ambiente que podem contribuir com a pesquisa.

Dentro de uma escola, de uma sala de aula temos uma diversidade de culturas, etnias, saberes, línguas... E, é com essa diversidade que os professores precisam saber lidar em seu dia a dia dentro de um espaço escolar, para poder trabalhar com os alunos e para falar sobre em sala de aula, pois, esse assunto é de extrema importância, e com isso também podemos ensinar o respeito ao próximo.

Temos que nos atentar e perceber que a escola é constituída de indivíduos, que pertencem à uma comunidade, cada qual com sua história e cultura; que os funcionários vivenciam processos que são diferentes entre eles, dentro ou fora da escola. Por esse motivo a escola é um lugar de pluralidade, um lugar de acolhimento dos indivíduos, de novo, cada qual com suas vivências, assim, cada um, de alguma maneira, leva a sua experiência para dentro da escola (Tosta, 2013).

Sabendo disso, a etnografia nos estudos da Educação tem como finalidade se colocar no ambiente escolar e ver de perto como determinadas coisas funcionam, como se dá a cultura escolar, conhecer e compreender os fenômenos que se dão nesse espaço, trazendo a questão da diversidade como foco principal das observações.

Tão importante é o tema da diversidade cultural que temos a *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*, onde diz no Artigo 1º;

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. [...] a diversidade cultural é tão necessária para o gênero humano como a diversidade biológica o é para a natureza. Neste sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras. (UNESCO, 2001).

E temos também, agora focando na área da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's onde o Ministério da Educação incluiu a questão da diversidade para o Ensino Fundamental - EF.

Existe também o Plano Nacional de Educação - PNE que cita em seu Artigo 2º duas diretrizes sobre diversidade, respeito... que são “III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”; e “X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.” (BRASIL, 2014).

Dispomos de mais exemplos de documentos que trazem a diversidade em seu conteúdo, como as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCNs; a Base Nacional Comum Curricular -BNCC; entre outros.

Para finalizar podemos trazer também a questão de que o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA nos traz em seu artigo 58 “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a este a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura” (BRASIL, 1990).

Outra questão importante é a Lei 10.639/03 que traz a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, sendo públicas e privadas. E também a Lei 11.645/ 08, que além da temática africana traz também a questão do ensino da história indígena. Essas duas temáticas são de extrema importância para podermos conhecer a nossa história, pois é nesses momentos que podemos entender um pouco da diversidade que existe, e também para podermos compreender onde surge e combater o racismo no Brasil.

Temos que pensar também sobre como podemos estimular toda a diversidade e as diferenças e assim poder dar significados a elas, pois, fazem parte de um processo que é social e cultural da nossa sociedade, temos que fazer entender como a questão histórica que se tem em torno da diferença e da diversidade acabam sendo usadas como critérios para quem incluir e quem excluir (Ramalho 2015).

Dentro da questão cultural temos o multiculturalismo e a interculturalidade, passando rapidamente por esses conceitos, Stuart Hall (2003) nos apresenta que o multiculturalismo seria um termo substantivo, pois seriam as estratégias e as políticas que um governo adota para poder administrar problemas de diversidade que eventualmente surgem em sociedade que são multiculturais, onde multicultural seria, para ele, um termo qualificativo, pois ele descreve as características e os problemas de governabilidade que podem haver em qualquer sociedade.

Já na questão da interculturalidade temos um texto de Geny Castaño (2014) no qual ela diz que “hoje a interculturalidade se utiliza mais para expressar como gostaríamos que fosse “o mundo” do que para descrevê-lo”, ela traz a interculturalidade como sendo um projeto político, e dá o exemplo de que na Colômbia, a interculturalidade não é apenas um regime de administração da diferença cultural mas sim de produção e reprodução da diferença cultural na escola com políticas educativas diferenciadas para povos indígenas.

Pensando em todos os pontos acima, temos então a questão geral dessa pesquisa: os professores, da escola pesquisada, estão preparados para lidar com a diversidade no ambiente escolar? O foco aqui seria a diversidade cultural, porém, durante a entrevista, os professores acabaram falando também sobre outras formas de diversidade. E para obter-se uma resposta mais concreta temos que pensar em algumas perguntas de pesquisa que são: 1) o que significa, para os docentes, a diversidade; 2) como eles lidam com ela em seu dia a dia; 3) como a escola, em geral, lida com a questão; 4) pensar um pouco sobre as relações entre os alunos no termos da diversidade; e 5) como é a formação desses docentes, se essa formação contempla a questão da diversidade.

Teremos como primeiro capítulo uma breve contextualização falando sobre quem são os professores, porém, para manter a discrição foi acordado com os mesmo em citar apenas as matérias que cada um leciona; teremos também um breve histórico sobre o colégio onde os mesmos lecionam, e será explicitado o contexto da metodologia e qual foi usada.

O segundo capítulo terá uma breve história sobre como começa e como se dá a conversa entre a Antropologia e a Educação. E com isso trazendo também alguns conceitos como *cultura, diversidade*.

E como terceiro capítulo, teremos o desenvolvimento da pesquisa em si. Essa parte será feita a partir de uma inter-relação entre bibliografias - que são textos de autores da educação, de antropólogos, e de demais autores que falam sobre o assunto em questão - com as entrevistas que os professores da escola se disponibilizaram a fazer.

E por fim, teremos a conclusão, as considerações finais que puderam ser obtidas após a relação das entrevistas com a bibliografia utilizada no decorrer do desenvolvimento.

Capítulo 1- O Campo

Neste capítulo teremos uma breve contextualização sobre quem são os docentes, um breve histórico sobre o colégio onde lecionam, um pouco sobre a localização e nomeação do mesmo, e será explicitado o contexto da metodologia e qual foi usada.

1.1 O Colégio

Juntamente com a argumentação baseada em referências teóricas este trabalho contará com entrevistas feitas no mês de março. As referidas entrevistas foram realizadas com docentes de um Colégio situado na cidade de São Miguel do Iguaçu, no Distrito de Santa Rosa do Ocoí, o Colégio Estadual do Campo Santa Rosa do Ocoí.

O Colégio se encontra em uma situação de dualidade administrativa, onde temos a Escola Municipal do Campo La Salle e o Colégio Estadual do Campo Santa Rosa do Ocoí – E.F. e E.M. funcionando no mesmo prédio, que pertence à prefeitura. As entrevistas em estudo foram realizadas apenas com os docentes que lecionam no Colégio Estadual.

Com a questão do prédio ser compartilhado não se tem problemas quanto a tomada de decisões, como estudei na Escola e depois continuei no Colégio, estive nesse espaço por 12 anos. Diversas decisões são tomadas juntas, sempre pensando o local de um modo geral, que seja benéfico aos dois lados, não pensado como algo separado, porém, cada administração tem também as suas necessidades específicas.

Por ter Ensino Fundamental e Médio funcionando juntos, os intervalos da Escola sempre aconteciam em um horário e os do Colégio em outro. No turno vespertino a entrada em sala de aula também acontece em momentos separados.

Alguns dos entrevistados foram meu professores, ou professores que já estavam lá e eu os conhecia, essa conversa depois de alguns anos fora da escola foi algo muito interessante, voltar agora para esse ambiente como pesquisadora, depois de ler e estudar sobre diversos assuntos me fez ver as coisas de outra

forma, visões que como aluna daquele espaço eu não tinha, até pelo fato de não se ter essa conversa direta com os professores como eu tive no momento da entrevista.

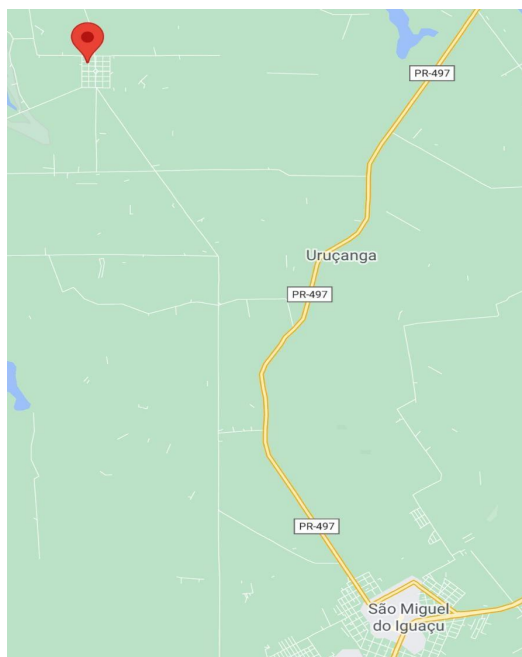
O Colégio Estadual do Campo Santa Rosa do Ocoí iniciou suas atividades no ano de 1985 com o ensino fundamental e no ano de 2008 houve a implementação do ensino médio. Os estudantes em sua maioria moram com os pais, iniciando e concluindo seus estudos na mesma. O Colégio, como a Escola, funciona nos turnos matinal e vespertino. No momento da pesquisa o Colégio contava com 113 alunos, sendo eles do 6º ano do Ensino Fundamental a 3ª série do Ensino Médio.

O Colégio está situado a cerca de 17km do centro do município, como poderemos ver na Figura 1 logo abaixo, alguns professores vêm do centro, de outros distritos e também do próprio Distrito de Santa Rosa, e ainda há alguns que vêm de outras cidades. Os alunos também são em sua maioria de Santa Rosa e de distritos próximos.

Pela manhã frequentam os alunos do 8 e 9 anos e do ensino médio, já pela parte da tarde temos os alunos do 6 e 7 anos, os anos são em turnos diferentes pelo fato da dualidade administrativa, houve uma separação de salas e então a organização ficou dessa maneira. Antes da pandemia do Covid-19, eram os alunos que mudavam de sala, então elas eram divididas pelas matérias e não pelas séries, mas por conta das medidas de prevenção, distanciamento, cada série tem a sua sala e o professor vai até ela.

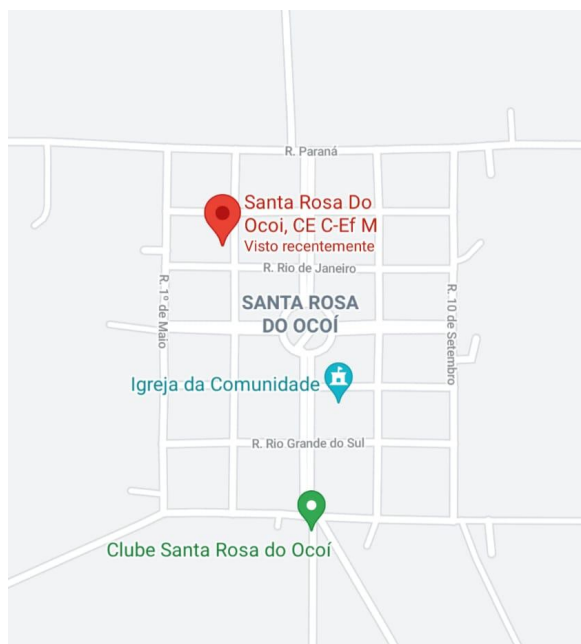
A escola ocupa uma quadra inteira do Distrito, com muito espaço livre, um campo de futebol gramado; uma quadra coberta; oito salas de aula; uma sala dos professores e duas salas de direção, uma para cada escola; existe também uma sala de biblioteca com diversos livros, de diversas temáticas, para todas as idades; uma sala de secretaria; banheiro para alunos e banheiro para os docentes; uma cozinha; um saguão para refeições, com um pequeno palco para apresentações; uma lavanderia e um almoxarifado.

Figura 1- Distância do Colégio do centro da cidade



fonte: elaborado pela autora

Figura 2 - Localização do Colégio na comunidade



fonte: elaborado pela autora

São Miguel do Iguaçu é um município que, segundo o último censo do IBGE 2019, contava com 27.452 habitantes, sendo eles distribuídos entre a parte urbana do município, e entre diversas comunidades, comunidades rurais, como o exemplo de Santa Rosa do Ocoí, uma comunidade indígena Avá-Guarani chamada Tekoha

Ocoy e a quilombola Apepu. Podemos ver aqui a presença da diversidade dentro do município, tendo as comunidades rurais formadas por descendentes de alemães, italianos, entre outros, e tendo também as comunidades indígena e quilombola.

1.2 Os professores

Os professores entrevistados são todos do Colégio, lhes foi solicitado falar sobre suas experiências no geral, porém, focado nos adolescentes, que são o recorte desta pesquisa. Eles foram entrevistados, o que possibilitou a reflexão acerca do assunto e questões específicas sobre a diversidade no ambiente escolar e suas práticas como docentes. Foram escolhidos professores de diversas disciplinas para se ter uma visão mais ampla, do ponto de vista de cada uma.

Para isso a entrevista aconteceu com seis docentes, sendo quatro mulheres e dois homens. Abaixo farei uma breve apresentação sobre os docentes, onde as informações foram-me cedidas por eles mesmos. Para reservar a privacidade dos entrevistados identificarei cada resposta apenas com a matéria que cada um leciona.

- História, branco, vinte e sete anos no Colégio e trinta e seis de magistério;
- Sociologia, branco, é seu primeiro ano no Colégio e dez anos de magistério;
- Matemática, branca, seis meses no Colégio e está no último período da graduação;
- Ciências Biológicas, branca, dezessete anos no Colégio e vinte e um anos de magistério;
- Educação Física, branca, quase dezoito anos no Colégio e vinte e cinco de magistério;
- Pedagogia, branca, dezenove anos no Colégio e vinte e oito anos de magistério.

1.3 O método da coleta de dados

Por motivos do momento em que passamos, com a pandemia da Covid-19, o método utilizado para coleta de dados nesta pesquisa foi a entrevista, usando-a

como forma de encontrar as respostas para as perguntas direcionadoras que foram propostas. Foram feitas entrevistas com os professores do Colégio Estadual acima citado, que foi feita em conjunto, em uma sala do Google Meet, usando roteiros de entrevista semi-estruturados, perguntas que foram elaboradas para se ter uma direção na entrevista, mas que não são fixas, os professores poderiam falar sobre assuntos relacionados, e tivemos assim uma conversa mais espontânea, permitindo que todos e todas pudessem se expressar de forma livre. A entrevista foi de grande proveito, teve uma participação muito enriquecedora dos professores, durando pouco mais de uma hora. Após a entrevista as respostas foram analisadas juntamente com diversas referências bibliográficas.

Capítulo 2- Um pouco da relação entre Antropologia e a Educação

Neste capítulo será feita uma retomada histórica sobre a relação da Antropologia com a Educação e como surge então a Antropologia da Educação, tendo como referências os trabalhos de Neusa Maria Mendes de Gusmão (1997), de Sandra Pereira Tosta (2013), entre outros. E passaremos brevemente também pelo conceito de Cultura.

A Antropologia surge de uma vontade de compreender o outro, esse outro sendo diferente de quem o tenta compreender. Dessa maneira ela pode dialogar com outros conhecimentos, por isso, uma de suas bases é a reflexão sobre a cultura, ou seja, como as pessoas constroem seus conhecimentos, como as pessoas se relacionam, como é seu dia a dia dentro de determinado povo, sociedade.

Um ponto em comum entre Antropologia e Educação poderia ser o de como as pessoas constroem seu conhecimento sobre determinados assuntos. Gusmão (1997) fala sobre esse ponto comum, que seria a cultura, que é necessária para o ser humano viver a sua vida, construir saberes que envolvem processos de socialização e de aprendizagem.

Tosta (2013) também aborda sobre os pontos em comuns entre as duas áreas: "No quadro das ciências humanas e sociais, Antropologia e Educação, necessariamente, cruzam caminhos: ambas tomam o homem como ser racional e simbólico como base comum de reflexão" (Tosta, 2013, p.236). Gusmão (1997) aponta ainda, que tanto a Antropologia quanto à Educação teriam a alteridade, a diferença colocada em contexto de interação, e sobre se colocar no lugar do outro, de conseguir enxergar o que normalmente não conseguimos, como elementos que as aproximam.

No debate sobre a diversidade na Antropologia da Educação tem-se uma grande possibilidade de temas abordados, como as diferenças culturais, étnicas, de gênero; sobre as mudanças da escola seus êxitos ou não; abordagens sobre a interação entre os discentes e a relação com os docentes e a instituição; podemos incluir também as modalidades de escolas indígenas, do campo, escolas inclusivas,

entre outras; e por fim, a educação que é escolar e também a que não se encontra somente dentro do espaço de uma escola.

E para falar um pouco sobre o conceito de Cultura temos o texto de Tosta (2013) onde ela nos traz que a etimologia da palavra *Cultura* vem do pensamento greco-latino, e seu significado inicial tem relação com a natureza e expressa a ideia de cultivo.

Seguindo a linha usada por Tosta, no século XVIII na França e Inglaterra a palavra começou a ser usada como substantivo, após isso, no final desse século ela foi incorporada ao vocabulário alemão como *Kultur* com o significado de produção intelectual, espiritual e artística. Ainda nesse século o termo foi usado também como formação e educação do espírito, trazendo aí a oposição de natureza e cultura. E já no início do século XIX o termo começa a ser usado em equivalência a palavra civilização que vem do francês *civilisation*, que então seriam as realizações de um povo sendo o oposto à barbárie.

Temos também o culturalismo, corrente do pensamento antropológico criada por Franz Boas (1858-1942), onde se dá importância central a cultura na formação social, explicação de fenômenos que podem ser individuais ou de uma coletividade - temos Boas, citado por Alicia Ferreira Gonçalves em seu texto (2010) :

A Cultura, segundo Boas, é pensada como particularidade, totalidade integrada e harmônica que sustenta a coesão social [...] os elementos de qualquer cultura eram produtos de processos históricos complexos envolvendo, em larga medida, a difusão e o empréstimo de traços e complexos de traços de culturas vizinhas. (p. 64).

Ruth Benedict (1887-1948), que foi aluna de Boas, em seu livro *Padrões de Cultura* (1934) faz um detalhamento as culturas para nos mostrar a personalidade, a singularidade de cada uma, trazendo sobre como a cultura seria uma forma de padrão onde as pessoas se modelam com determinados hábitos;

[...] enfatizou, em seus estudos, o aspecto da cultura como regulamento de personalidade; descrevendo detalhadamente os rituais, crenças e peculiaridades de diversas culturas, a fim de evidenciar sua "personalidade". Esta teria grande influência na formação das personalidades individuais, selecionando algumas

características, dentre o leque de potencialidades humanas, como formas mais adequadas de conduta. A história de cada pessoa seria, assim, principalmente uma acomodação aos padrões tradicionalmente transmitidos entre gerações; os costumes do meio moldando sua conduta e experiência dos fatos desde o nascimento. (2014, USP).

Ruth Benedict nos indica que ninguém nasce com uma visão livre de preconceitos, mas sim uma visão que é condicionada pelos costumes, modos de pensar do local ou instituição em que a pessoa se encontra. Cada pessoa acaba recebendo os padrões que são transmitidos de uma geração para outra dentro do ambiente em que ela nasce. Tanto que um dos subtítulos do primeiro capítulo do livro se chama “O homem moldado pelo costume não pelo instinto”.

No subtítulo citado acima Ruth Benedict nos mostra como a constituição biológica não obriga o homem a seguir algum tipo de comportamento, mas segue sim a cultura do ambiente e das pessoas em que está inserido, diz ainda que “A cultura não é um complexo que seja transmitido biologicamente” (p. 26)

Geertz (2008) fala sobre como a cultura poderia ser entendida como sendo um conjunto de significados que são compartilhados uns entre os outros, chamando isso de teia de significados;

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.(p. 4)

Então para Geertz a cultura, sendo esse “entrelaçado de signos interpretáveis”, é um contexto, é uma forma de acontecimentos, processos, comportamentos, instituições poderem ser descritos. Para ele, “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, onde a cultura seriam as teias e as análises, sendo a antropologia uma ciência interpretativa que está à procura de um significado.

Capítulo 3 - O estudo de caso

O tema da diversidade será desenvolvido aqui por meio da análise das entrevistas realizadas com professores do Colégio Estadual do Campo Santa Rosa do Ocoi, com as bibliografias selecionadas.

3.1 A questão da diversidade em ambiente escolar

Para começar pode-se pensar em algo, que Candau (2014) nos traz em seu artigo, citando;

Para Ángel Pérez Gómez (1994, 2001), a escola deve ser concebida como um espaço ecológico de cruzamento de culturas, cuja responsabilidade específica que a distingue de outras instâncias de socialização e lhe confere identidade e relativa autonomia, é a mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações. (Candau, 2014, p.36).

Tal concepção é corroborada por Gusmão (1997), que afirma que;

O desafio da escola e dos projetos educativos que orientam nossa prática está no fato de que, para compreender a cultura de um grupo ou de um indivíduo que dela faz parte, é necessário olhar a sociedade onde o grupo ou o indivíduo estão e vivem. É aqui que as diferenças ganham sentido e expressão como realidade e definem o papel da alteridade nas relações sociais entre os homens. (Gusmão, 1997, p. 16).

Assim, a escola seria um ambiente onde diversas culturas se encontram, se influenciam e se mesclam, assim, ela é o lugar em que se deve refletir sobre as diversidades, entender sobre a alteridade e de onde a diferença nasce e a importância do diálogo.

Sabemos que o Brasil é um país diverso em termos de diferentes etnias, religiões, línguas, entre outras coisas. A cultura aqui tem contribuições dos diversos povos europeus, das mais diversas nações e povos africanos, dos asiáticos, dos diversos povos indígenas, com mais de 240 línguas diferentes, vivendo no Brasil. E, até hoje, temos novas contribuições que chegam até aqui e se estabelecem. A

região da tríplice fronteira Paraguai-Argentina-Brasil é fortemente marcada pela presença árabe/muçulmana em suas diversas expressões de nacionalidades, religiosidades e linguística. E, como já indicava Boas, no processo de criação da antropologia cultural norte-americana, as diversas culturas entram em contato, formando uma maior diversidade, pois, a cultura não é estática, fechada, está sempre em processo de transformação.

E pensando nessa questão de misturas entre culturas, temos um trecho do livro de Candau (2002) que pode resumir um pouco essa ideia;

Na América Latina e, particularmente, no Brasil, a questão multicultural apresenta uma configuração própria. Nosso continente é um continente construído com uma base multicultural muito forte, onde as relações interétnicas têm sido uma constante através de toda sua história, uma história dolorosa e trágica principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas e afro-descendentes. (Candau, 2002, p.126)

Como nos mostra no livro *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais* (CEPESC, 2009), percebemos que existem formações de sociedades e culturas distintas entre si. Por exemplo: a situação da mulher no Brasil era bem diferente, no quesito de direito ao voto, trabalho, escolhas pessoais; os costumes familiares também mudam com o tempo, como por exemplo, os pais escolherem um marido para filha, questões de dotes, alianças feitas.

O livro continua nos mostrando que a diversidade não se dá apenas no tempo, mas também no espaço, se irmos para outros países, continentes, veremos costumes que diferem dos nossos, línguas, rituais, comemorações. Podemos também dentro de uma mesma cidade ver essas diferenças, que por meio de vários fatores, compreende vários grupos distintos, grupos de diferentes origens, formações, crenças.

Como foi dito anteriormente, não foi possível realizar a observação na escola por conta da pandemia da Covid-19, o que frustrou as expectativas iniciais da pesquisa, não pude ter um contato mais direto com os docentes, com os alunos, com o dia a dia do Colégio, então a metodologia teve que ser modificada e

adequada para o momento que estávamos passando, sendo usada então a entrevista. Assim, para dialogar com as respostas obtidas com a entrevista, usarei bibliografias de autores que falam sobre a diversidade no âmbito escolar de uma forma em geral buscando dialogar com os aspectos apresentados pelos docentes.

Indo de fato para nossa entrevista, após os docentes serem perguntados sobre suas formações entramos de fato no tema do TCC. Então para começar, e para se ter uma visão geral sobre o tema, a pergunta foi sobre o que cada docente entendia como diversidade, o que eles acreditam que ela significa.

Primeiramente temos a definição de “diversidade” do dicionário, ele nos traz que ela é uma “Característica ou estado do que é diverso, diferente, diversificado; não semelhante: diversidade de argumentos no discurso.” ou também, que caberia no que vai ser tratado abaixo sobre a diversidade em sala de aula “Conjunto diverso, múltiplo, composto por variadas coisas ou pessoas; multiplicidade: a diversidade das espécies.” (DIVERSIDADE, 2021).

Sobre a resposta dos docentes, em resumo todos comentaram que diversidade são as diferentes manifestações culturais, religiosas, étnicas, econômicas e de gênero. E também falaram bastante sobre o respeito para com todos.

Diferentes tipos de manifestações de tudo, cultural, religiosa, diversidade de etnia, certo? As diferenças, mas é tudo igual, fala diversidade e dentro da diversidade a questão do respeito (Pedagoga)

Eu também entendo, além daquilo que a pedagoga falou, é uma diversidade dentro de qualquer escola, assim como a nossa, por exemplo, a diversidade de, vamos supor, de classe em relação à atividade que os pais exercem, e também as diversidades econômicas [...] e lógico a diversidade também de gêneros. (Historiador)

De alguma maneira cada docente tem a sua visão do que é a diversidade, e de fato não há uma resposta que seja errada, todos deram suas contribuições do que por meio de suas experiências eles consideravam ser a diversidade, e o ponto mais comentado, como já dito, foi sobre o respeito para com essas diversidades, que é algo de extrema importância, termos a consciência de que as diversidades existem em todos os lugares e cabe a nós respeitar a todos da mesma maneira.

Algo citado também foi sobre a busca da qualidade de ensino pelas pessoas, a escola como diz o Sociólogo sempre teve bons números, bons resultados, e isso acaba atraindo diversas pessoas para lá, pessoas de diversos lugares vão até a escola em busca de uma educação diversificada.

Essa procura pelo colégio ter um destaque na aprendizagem, no sucesso dos professores e junto com a direção e tudo mais, eu acho que isso é um chamariz pra diversidade [...] então, quer dizer, a diversidade ela também de certa forma, tá buscando a qualidade de ensino. (Sociólogo)

Alguns docentes concordaram com essa contribuição, eu tendo estudado nessa escola pude ter contato com algumas situações que acontecem, e percebo que essa fala pode fazer sentido, temos alunos de colégios do centro da cidade que começaram a vir para o Colégio, professores da cidade que quando lecionavam no colégio traziam seus filhos, temos também o caso de alguns alunos vindo de uma comunidade vizinha, pois sua escola acabou sendo fechada, então, parte da diversidade que existe é de alunos que por diversos motivos escolheram, ou foram levados, a vir para esse colégio.

E dando continuidade à entrevista falamos sobre a graduação de cada docente, para isso foi feito o seguinte questionamento: "Vocês acreditam que possa ter alguma falha, alguma fragilidade na graduação que vocês fizeram que talvez hoje ajudasse vocês a lidarem, ou passarem para os alunos de uma forma mais fácil esse assunto (diversidade)?".

O professor de História nos traz um ponto, por sua formação ter sido há muitos anos, esse assunto, a diversidade nas escolas, era pouco falado, e que isso seria uma questão mais atual, então talvez hoje, em sua opinião, já tenham mais disciplinas sobre o tema nas grades curriculares dos cursos, principalmente em cursos de humanas, história, geografia, sociologia... assim também nos relata a Pedagoga, que não conteúdos sobre diversidade em sua formação.

Também não tive assim na minha formação acadêmica, nada falando de diversidade. Esses novos paradigmas da educação, daí dentro desses paradigmas vem à questão da diversidade, onde surgiram essas palavras, nos paradigmas que a gente deveria enfrentar dentro da escola, trabalhar e enfrentar, sempre buscando a igualdade e a equidade. (Pedagoga)

E sobre isso a professora de Matemática nos traz uma visão interessante:

Acho que para professor de licenciatura, seria bem válido, para todas as licenciaturas, tanto de exatas como de humanas abordar a diversidade, seria bem útil. (Matemática)

Novamente temos a questão da igualdade, sendo em certa medida o respeito já citado acima. A seguinte fala da professora de matemática é realmente muito importante pois de fato todos os docentes irão trabalhar com diversidades de alunos, de temas, de conteúdos, de escolas, a diversidade não é um assunto de exclusividade das matérias, por exemplo, de humanas, e com isso concorda o professor de História.

Com certeza, porque não só o professor de história ou de sociologia vai trabalhar com alunos nas escolas, com pessoas, toda pessoa que tem uma licenciatura vai trabalhar com alunos, então tem que ter esse conhecimento. (Historiador)

E temos que pensar também que a diversidade não deve aparecer apenas nos materiais didáticos, que é algo que percebo nas entrevistas, a preocupação com os temas que são tratados nos livros, nos conteúdos, além disso, que com certeza é importante, precisamos lembrar que a diversidade está também na prática, no dia a dia da sala de aula, podem acontecer situações onde se faz necessário saber lidar com a diversidade, a aula não está somente nos livros didáticos, na BNCC ou em algum outro documento, a aula está na prática, no dia a dia, nas vivências de alunos e docentes, ela deve ser não apenas um assunto no conteúdo mas de uma lógica pedagógica, uma conversa entre docentes, outras pessoas do colégio e dos alunos, é uma relação entre todos os personagens de uma escola.

Pensando na questão da diversidade, e como os professores lidam com ela, sabendo que todos entendem o que ela significa, e percebendo que em suas graduações há uma falta de conversa sobre o tema, buscou-se também focar nos cursos de formação de professores.

A escola é um espaço sociocultural em que as diferentes presenças se encontram. Mas será que essas diferenças têm sido respeitadas? Será que a garantia da educação escolar como um direito social possibilita a inclusão de todo tipo de diferença dentro desse espaço?[...] Por isso, a reflexão sobre a diversidade cultural na escola e na sociedade brasileira e a capacidade de compreender e se posicionar diante de um mundo em constante transformação política, econômica e sociocultural devem fazer parte da formação e da prática de todos/as os/as educadores/as. (DE MORAIS e VELANGA, 2017, p.300)

A formação docente, assim, é de extrema importância, pois com ela, pode-se tomar conhecimento e os docentes podem ser preparados para trabalhar com diferentes situações, de alguma maneira eles terão mais facilidade em alguns assuntos a serem discutidos em sala de aula, entre outras questões.

Questionados sobre cursos em geral, ou sobre os cursos de formação docente, percebo que esse é um assunto não muito tratado, vários dos professores disseram que não tem conhecimento ou não fizeram nenhum curso que seja especificamente sobre a diversidade.

A professora de Educação Física diz que fez um curso sobre a diversidade de gênero que foi disponibilizado pela APP Sindicato. A Professora de Biologia conta que ouviu vagamente sobre diversidade em um curso que fez, e também é falado um pouco nas semanas pedagógicas, que são as semanas de formação nos inícios de cada trimestre. O professor de História, assim como a de Biologia, citada acima, diz que o que é trabalhado são coisas que se veem no dia a dia, mas que não teve um estudo específico, ou algum tipo de treinamento.

Eu fiz um curso, deve fazer uns 7-8 anos, era a noite que a gente fez o curso e era pela APP Sindicato e era referente a diversidade de gênero, foi duração de 1 mês (Educadora Física)

Eu também lembro assim vagamente de cursos [...] mas assim, o básico que a gente estudou um pouco foi o que o estado ofereceu pra nós na época, mas faz muito tempo, acho que a gente estudou essa questão, que eles colocaram nessa semanas de formação eu acredito que a gente estudou (Bióloga)

Eu acredito que lembre que algumas coisas, nós já estudamos sobre essa questão da diversidade nas escolas e na sociedade, mas assim, nada muito aprofundado que eu me lembre. (Historiador)

Após as falas percebo que a questão dos cursos de formação de professores, ou cursos em geral, não trazem muito a questão da diversidade em seus temas e muitas vezes acaba sendo algo tão vago que, como percebemos, os docentes acabam nem lembrando que o assunto apareceu. Apenas como citado, alguns tiveram cursos, porém apenas com o tema da diversidade de gênero.

A pedagoga nos traz um pouco sobre a questão de alguns materiais recebidos pela escola, onde são os cadernos pedagógicos e neles existem várias

temáticas, sendo que uma delas é a diversidade cultural. Apesar disso ela levanta a seguinte questão.

Mas é que são tantas outras coisas na escola, e tem coisas que acabam passando “batido”, não que não seja importante, mas é tanta coisa que “jogam” pra cima da escola, mas tem, por exemplo, os cursos de formação de cultura afro, que tem uma equipe na escola, que todo ano é feito um curso. (Pedagoga)

Isso nos leva a pensar, por que esses assuntos não tem sua devida atenção? Quais outros assuntos tem prioridade e por quê? Se os cursos, como já dito acima, tem tamanha importância na formação dos profissionais, determinados assuntos poderiam e deveriam ter mais espaço para estudo e discussão como o caso da diversidade, estamos o tempo todo tendo que lidar com ela, é algo que faz parte do nosso dia a dia, para onde olharmos veremos que a diversidade se faz presente, por que não dar mais ênfase a esse assunto então?

O mesmo nos traz outra professora sobre alguns cursos

Lembro que a gente até fez, tem ainda esse grupo multidisciplinar, que a gente tem que fazer esses cursos de diversidade, agora lembrando, eu to aqui pensando, daí lembrei do multidisciplinar, que a gente acabou trabalhando sobre essa questão de diversidade. (Bióloga)

Ainda sobre isso, o professor de Sociologia nos traz uma contribuição sobre a sua experiência no colégio indígena, que fica na mesma região. Ele diz que todo ano é feita essa equipe multidisciplinar, como citado acima pela pedagoga e pela bióloga, onde o foco é a semana da consciência negra, é o governo estadual que disponibiliza material e em cima desses materiais são feitos os trabalhos, usando os textos que são enviados.

Outra coisa que se pode perceber é que os temas parecem ser tratados em dias específicos, como o professor nos traz sobre a semana da consciência negra, então apesar de em alguns momentos termos espaços onde se fala sobre a diversidade, ela ainda é muito defasada. Não se pode trabalhar sobre a diversidade apenas em momentos de comemorações ou datas determinadas. As crianças e adolescentes precisam estudar, e discutir sobre, pois ressaltando o que já foi dito, ela está presente em todos os momentos e lugares.

Apesar de pouco trabalhado o assunto da diversidade, a formação de professores ou os cursos são de extrema importância para o trabalho dos docentes, pois como nos mostram Canen e Xavier (2011);

[...] a formação continuada de professores possui um papel relevante, uma vez que preparar professores para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar significa abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas e valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania. (p. 642)

É sobre isso que se fala nas entrevistas, tanto aparece a questão do respeito, com a formação os professores poderão refletir sobre a melhor maneira de incluir o tema em suas aulas, poderão apresentar aos seus alunos estudos que os ajudem a perceber que as diversidades devem ser valorizadas, ainda mais em nosso país, Brasil, onde temos tantas etnias, línguas, cores, culturas, um país tão diverso como esse e não se fala sobre isso nas escolas.

E falar sobre a diversidade nas escolas, é um dos passos para podermos dar enfrentamento aos preconceitos existentes, temos negros, indígenas, alemães, italianos, árabes e tantos outros, cada um de nós carrega um pouco de cada etnia, raça e cultura, e esse é o ponto a ser trabalhado. Como pode alguém ser superior a outro, como podemos não respeitar e valorizar o outro se a grande maioria vem dessa mistura de povos, culturas e tradições?

Mesmo que o olhar para a diversidade seja um assunto pouco trabalhado nas formações, ele aparece nas DCN's da Educação Básica.

Nesse sentido, os sistemas de ensino assegurarão a observância das seguintes orientações fundamentais: [...] II – formação de

professores para o atendimento educacional especializado, bem como para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas nas classes comuns de ensino regular; [...] § 3º Na organização desta modalidade, os sistemas de ensino devem observar as seguintes orientações fundamentais: [...] III – a formação de professores para o AEE (atendimento educacional especializado) e para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas. (2013)

Como os documentos citados na introdução, e sendo aqui apresentado um trecho das DCN's da educação básica, podemos perceber uma contradição, nos documentos temos falas sobre a diversidade, respeito, inclusão, formações de professores, e na prática, percebo por meio das entrevistas, e também da minha própria experiência como aluna, que não é exatamente o que acontece, e ao meu ver isso é um problema, se não temos formações de professores adequadas a esse assunto, ele acaba se tornando um tema difícil de se trabalhar e acaba não tendo os resultados esperados, que são de fato, superarmos as desigualdades, mostrar sobre a importância do respeito e da inclusão.

Partindo desse assunto entramos então na questão dos materiais didáticos como já foi brevemente citado acima. Muitos livros não trazem discussões acerca do assunto, e algumas matérias sequer trazem algo sobre, como nos mostra a professora de matemática “*Na disciplina de matemática eu não lembro nenhum conteúdo que está assim relacionado diretamente a diversidade [...]*”. Percebe-se então como a questão está defasada em diversos quesitos.

Temos mais alguns relatos sobre, e outro ponto que se percebe, é que, mesmo de forma ainda mínima, o assunto aparece principalmente nas matérias de humanas, como em Sociologia e História;

Então, em sociologia, a gente aborda as minorias, a diversidade, daí vai trabalhando cada grupo de uma forma assim geral, por exemplo, o movimento sem-terra, os indígenas, os negros, os gays [...] eu tava trabalhando com o 2º ano em sociologia, e justamente tava trabalhando o Franz Boas, então ele vai abrir o leque da diversidade cultural [...] o 2º ano é mais voltado toda a linha curricular voltada pra a cultura, então você acaba caindo na diversidade (Sociólogo)

Os livros de história, eles em si não trazem muito, é alguma coisinha assim, no meio do capítulo, tem um texto ou outro, que trata sobre, são textos complementares que eles colocam sobre [...] vamos supor, quando trabalha a questão da escravidão, um ou outro texto tem ali no meio que trata sobre essa questão da oportunidade que o negro não teve, enquanto igual a um imigrante [...] de vez em quando lá em certo conteúdo aparece um texto que fala sobre isso, mas muito pouco dentro da história que a gente vê dentro dos livros didáticos, o mais que a gente trabalha é quando acontece alguma coisa na sala assim, daí a gente puxa o assunto e tenta dar uma esclarecida nessa questão. (Historiador)

O fato de não termos, principalmente na matéria de história, textos, conteúdos que falam sobre a questão dos negros no Brasil, dos indígenas, sobre a nossa história de fato, é algo preocupante, como não falarmos sobre os povos que formaram o país? Falar sobre isso, mostrar como tudo aconteceu, de certa forma tenta também quebrar o racismo que existe, mostrar que esse racismo é uma construção social, que biologicamente raças humanas não existem, e é uma construção que traz em sua história anos de escravidão, colonização, inferiorização, uma construção que nos diz quais as pessoas que seriam superiores a outras, e na maioria das vezes são esses povos denominados superiores que mais aparecem nos livros didáticos.

O relato de outras matérias é, como já dito acima, sobre não se ter muitos conteúdos que abarquem o assunto e como as professoras e professores tentam de algum modo inseri-lo nas aulas.

Na minha disciplina eu vejo bastante quando a gente vai trabalhar a parte de dança, quando você chega na dança, a impressão que dá é que a dança é mais pra ala feminina, que os meninos não precisam participar, na questão de livros didáticos a gente tem bem pouca coisa na minha disciplina,

mas o trabalho, até os slides que foram colocados essa semana, que tem o pessoal do 9º ano tá tendo dança, então apareceu algo diferente, a questão das imagens colocadas onde aparece tanto os meninos como as meninas, até pouco tempo atrás, quando se falava de dança, se colocava uma foto bonita lá, geralmente um pessoal fazendo balé, geralmente só meninas, então já ficava aquilo 'isso não é coisa de menino. (Educadora Física)

Ciências também não tem muito material, então o que eu trabalho? vamos supor, quando se fala lá na questão dos afros ou dos índios, eu trabalho mais essa parte da genética, eu trabalho a questão da melanina, essas questões assim que eu vou abordando [...] não tem muito material, mas a gente vai procurando, como a Neiva colocou, cada um na sua disciplina a gente vai procurando até achar um contexto que você pode abordar com todos e não é prejudicado, não magoa dentro da sala de aula, que possa atingir a todos de uma forma acessível (Bióloga)

A matéria de ensino religioso citada em dois momentos da entrevista, pela pedagoga, e me parece ser a matéria onde mais se tem discussões sobre diversidade, porém, seria apenas sobre a diversidade religiosa, que é o objetivo dessa matéria.

No município o primeiro conteúdo a se trabalhar era o Ensino Religioso, a valorização e o respeito da diversidade cultural, a diversidade de pessoas, não cultural, religiosa, de tudo, de tudo aquilo que a gente julga ser diferente de nós. (Pedagoga)

Então em relação a parte curricular, ela aparece no currículo, principalmente dentro do ensino religioso, por exemplo no 6º e no 7º têm trabalhado a questão da diversidade religiosa, então o ensino religioso, se a gente pensar assim, quando eu, [...] a

gente estudava, o estudo religioso realmente era catequizar os alunos e era religião católica, tanto que ela é opcional, porque alguns pais ainda acham que o ensino religioso é isso, mas não é, então o ensino religioso trabalha bastante, praticamente é isso, a diversidade de religiões e que existe o respeito a cada uma delas, mas tirando diversidade dentro da religião, assim é o que o professor de história falou, ela é esporadicamente abordada. (Pedagoga)

Aqui é onde percebo, com os relatos citados acima, de todos os questionamentos feitos até o momento, à falta da diversidade como sendo um assunto importante na educação. E novamente entramos na questão de que apenas nas matérias de humanas ainda se fala em alguns poucos momentos sobre, porém, como duas professoras citaram elas tentam de alguma maneira trazer questões práticas para incluir um pouco esse debate, mas também o que mais se fala é sobre a questão dos negros, indígenas, ou de gênero. E onde aparece mais sobre a diversidade é na matéria de Ensino Religioso, porém é algo também superficial, pois como é o intuito da matéria, é falado sobre as diversas religiões existentes.

Após isso, chegamos então à questão da diversidade dentro de uma sala de aula, como os professores a veem, sendo que a diversidade pode ser motivo de oportunidade para os professores e mesmo para os alunos, ou motivo de dificuldades, também para ambos. Por esse motivo acabamos de discutir sobre as formações e graduações, para primeiramente entender, como ou quanto, os professores estão preparados para isso.

Quando os professores são questionados sobre essa questão, se eles reconhecem que há uma diversidade, uma heterogeneidade, ou se as salas são homogêneas, todos dizem que sim, que existe uma diversidade. E apesar de ter-se essa diversidade, todos concordam que na escola isso é tratado de maneira “muito tranquila, todos os alunos são bem acolhidos”.

Scárdua (2008) nos traz o lado positivo dessa diversidade dentro desse ambiente, afirma que “a diversidade enriquece uma sala de aula pelo simples motivo

de se aprender com o diferente” (Scádua, 2008, p.89). Segue dizendo que quanto mais diversidade em sala, diversidade falando de modo geral, origem, gênero, deficiências..., faz a pessoa aprender mais, podendo conhecer mais do mundo. E termina dizendo que “a construção do conhecimento em uma sala onde predomina a diversidade será muito mais preciosa. Dessa maneira, será possível sonhar com um mundo sem preconceitos e discriminações. Eis a beleza do não ser igual”. (Scádua, 2008, p.89).

A diversidade contribui para uma educação mais rica, pois um pode aprender com o outro. É algo que eu mesma pude aprender estudando na Unila, além de aprender assuntos relacionados à minha graduação, eu pude aprender outra língua, aprender sobre costumes, hábitos, apenas conversando com outras pessoas sobre os países, estados, regiões de onde elas vinham, na minha concepção essa relação com diversas pessoas foi uma das experiências mais ricas que pude ter, em momento algum a diversidade foi um problema, vindo de uma cidade do interior, com poucas pessoas, ter esse contato foi de extrema importância para meu crescimento, foi algo que ajudou a “sair da bolha” de cidade pequena que eu vivia. .

O professor de História diz que todos os alunos interagem uns com os outros, que todos são integrados tranquilamente e a pedagoga diz que talvez quem sente mais essa diversidade são de fato os próprios alunos.

A professora de Educação Física apresenta como ela trabalha com os alunos em suas aulas práticas.

Mas quando é aula prática, a gente tenta trabalhar assim de uma maneira dando bastante atenção a essa questão, porque às vezes você pode tá atingindo um aluno, é claro que às vezes acaba sentindo mais, mas a gente tenta trabalhar de uma maneira igual, tentamos deixar eles na mesma situação.
(Educadora Física)

Somando ao que foi dito acima, podemos refletir sobre as formações, graduações e como os professores lidam na prática com a diversidade. Como lidar com o outro se você não está preparado de fato para isso? Vários dos professores dizem que não encontram muitos problemas para lidar com as aulas, com situações

que eventualmente podem aparecer, mesmo não tendo a devida formação ou maior conhecimento sobre o tema, acredito que isso se deva a ser um Colégio pequeno, do interior, porém indo para colégios que são maiores, com mais alunos, a situação pode mudar e aí sim as formações farão falta..

Apesar de alguns professores conseguirem se sair bem, pelo menos em seus relatos, entendendo que é possível contornar algumas situações, porém, muitas vezes não temos o preparo ou o método adequado para isso, temos que ter certa sensibilidade e compreensão para lidarmos com o outro, e nesse caso acredito que os cursos de formação, matérias específicas para os cursos de graduação em licenciatura são demasiado necessárias, pois como citado acima, independente da matéria que o professor leciona todos eles precisam lidar com os alunos e consequentemente com a diversidade que existe em uma sala de aula, estando os professores preparados eles podem passar mais confiança, mais domínio aos alunos quando o assunto precisa ser tratado.

E como nos apresenta Candau (2011) “ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos para todos os alunos e alunas” (p. 242). Muitas vezes as diferenças culturais são vistas apenas como algo externo, porém, elas estão sim no contexto escolar, os alunos trazem as suas questões, as suas ideias, os seus costumes para dentro da escola e da sala de aula, da mesma maneira com os docentes também, e isso poderia e deveria ser trabalhado no dia a dia das aulas.

Para poder ter um melhor desenvolvimento sobre a questão, a pesquisa de campo ajudaria, pois aí sim eu conseguiria ver os professores lidando na prática com as diversas situações que podem aparecer ou que foram citadas, mas como infelizmente não foi possível fazer o campo, essa é a análise que se consegue extrair das entrevistas.

Após isso entramos na discussão sobre: “a diversidade traz benefícios para o ensino-aprendizagem?”, tema que já foi um pouco comentado acima. Todos os professores que deram suas contribuições concordaram que sim, existem benefícios com essa diversidade em sala e na escola, um aluno aprende coisas novas com outro, e até mesmo os professores, todo mundo começa a ter outras visões de

mundo, outros jeitos de se expressar, sotaques, modos de vida, e isso enriquece o espaço e o conhecimento.

Eu considero muitos benefícios, é uma visão diferente às vezes das coisas, são jeitos diferentes principalmente, por exemplo, eu recebi ano retrasado uma aluna que veio de Minas Gerais, uma linguagem diferente [...] recebia os áudios dela, então, assim, isso enriquece muito, eles perceberem que existem outros jeitos de falar o português, que eles estão acostumados [...] até de palavras diferentes, que a gente não conhecia e que eles conhecem e começam a falar e até a gente enquanto professor, a gente aumenta o nosso vocabulário, a gente conhece palavras que até então não conhecia, é português, mas são de outras regiões do país. (Pedagoga)

Mas assim, existe aquele acolhimento, porque da mesma maneira que a gente quer aprender a linguagem deles, eles também querem aprender a nossa, a maneira de se expressar, usar outras palavras com o mesmo significado. (Bióloga)

Mas o que a gente faz na escola? Esse trabalho de que independente de se o sotaque dele é assim ou é diferente, ele tem que ter a sua oportunidade [...] e você não vê os alunos dando risada, existe um respeito... (Historiador)

Na verdade isso não acontece porque a gente já faz esse trabalho, de que se ver alguma coisa diferente a gente já conversa e coloca a situação [...] Acredito que todo professor, se aconteceu algum dia, já é feito esse trabalho, pra não acontecerem situações assim. (Bióloga)

Todos falam sobre como um aluno aprende coisas novas com outro, e até mesmo os professores, todos começam a ter outras visões de mundo, outros jeitos

de se expressar, sotaques, modos de vida, e isso enriquece o espaço e o conhecimento.

Algo muito citado pelos professores é a questão da diversidade linguística, sobre como apesar de todos falarmos português cada região tem seu modo único de falar, seu sotaque, palavras diferentes porém, com o mesmo significado. E percebe-se que isso não é algo que traz dificuldades para os alunos ou para os professores no dia a dia, pelo contrário, eles falam sobre como essa diversidade da língua é enriquecedora, todos aprendem com todos, compartilham palavras novas.

Como já citado e discutido acima o Brasil é um país extremamente diverso, existem várias etnias, culturas, costumes, convivendo no mesmo espaço, e com essa diversidade consequentemente temos a diversidade de línguas e sotaques, são exemplos que, apesar de poderem enriquecer muito, muitas vezes acabam sendo motivo de preconceito. Pelo relato dos docentes percebo que essa questão não ocorre na escola, porém, fora dela, no dia a dia dos alunos isso pode acontecer.

No Brasil, cada região do país, ou até mesmo cada estado tem as suas variações, e por vezes, acaba existindo uma classificação de que determinado 'sotaque' seja melhor, mais bonito que outro. Porém, é necessário lembrar o porquê de cada lugar ter a sua variante, algo que vem desde a colonização e foi aumentando com a chegada de diferentes pessoas do mundo para o país, isso é algo de grande riqueza, não é algo para ser alvo de preconceitos. E é exatamente isso que Lays da Silva Ramalho (2015) nos traz;

No Brasil temos uma riqueza cultural extraordinária, estando longe de ser o lugar da homogeneidade cultural; por exemplo, todos falam a mesma língua, porém, com sotaques diferentes, dependendo da cidade em que se vive. Isso marca o encontro de diferentes grupos, que veem a vida de maneira diferente, a partir de suas particularidades, mas que podem perfeitamente conviver em harmonia. (p. 30)

Algo citado mais adiante na entrevista é a falta de exemplos que se tem sobre a diversidade no dia a dia, falta de meios para trazer acontecimentos para a sala de aula incluindo isso ao conteúdo, o exemplo que aparece é sobre os esportes paralímpicos.

A gente até tenta, mas nem sempre é possível, dependendo do conteúdo que a gente tem acesso, por exemplo, essa semana eu trabalhei com o 3º ano, era referente a jogo paralímpicos, atividades que são praticadas pelos atletas paralímpicos, eles nunca viram, nunca tiveram acesso, mas são coisas que de repente, pra nós, já existe no nosso currículo, por exemplo, jogos escolares, a gente tem a modalidade para deficientes físicos, então eles estão dentro dos jogos, a nível de Paraná, mas como a competição ela acontece em um momento separado, quando a gente leva o pessoal do 'regular', eles vão tá vivenciando o pessoal que se encaixa nessa faixa etária, fica algo distante, mas que existe (Educadora Física)

Muitos alunos nem tem conhecimento sobre esses esportes por serem pouco trabalhados e não terem de fato esse contato, como a docente nos fala, os jogos são separados, então os alunos acabam nem tendo conhecimento de que essa modalidade faz parte dos jogos escolares, pois não tem a oportunidade de presenciar o jogo acontecendo. E acredito também que seja pouco divulgado, eu mesma na época que participava dos jogos escolares não tinha conhecimento de que tivesse também essa modalidade.

No currículo indica isso, em todos os conteúdos começam a ser abordados com uma prática social, de um fato que acontece na sociedade, com nosso dia-a-dia e a partir desse fato você encaminha o conteúdo (Pedagoga)

Então, apesar da dificuldade em trazer o dia a dia para dentro da sala de aula, se tem no currículo essa questão, incorporar a prática social ao conteúdo que será exposto. é aqui onde novamente temos uma contradição, os documentos trazem determinada coisa, porém, na prática não é o que acontece, e é por muitas vezes não se ter os meios para concretizar o solicitado, retomando aqui a falta de

formações, e também nem sempre se consegue trazer situações práticas a depender do conteúdo.

Apesar disso, a professora de biologia nos traz um exemplo de conteúdo que pode ser explicado na prática;

[...] quando eu vou trabalhar em química, 9º ano, a gente vai trabalhar, por exemplo, os fatores físicos e químicos, [...] é difícil às vezes a gente compreender, eu pego exemplos do dia-a-dia, por exemplo, um raio é fator físico, mas na hora de fazer um bolo, o que eu to usando? Eu vou usar os ingredientes, porém, na hora de fazer o bolo, vai fazer aquela mistura vai se tornar um fenômeno químico, porque alterou a estrutura da matéria [...] em ciências, posso pegar a tabela periódica [...]o potássio, tá em qual família? Mas o que é potássio? Daí eu peço pra eles exemplo, daí eles 'tá no adubo quando o pai compra, tá lá potássio, fósforo', nesse conteúdo, nesse contexto, na minha disciplina tento trazer alguns exemplos pro nosso dia-a-dia, fora outros. (Biólogo)

E para finalizar a pesquisa tivemos a discussão sobre como os alunos e os docentes lidam frente ao tema da diversidade, onde eles comentam também sobre algumas dificuldades que passaram em sala de aula.

Ontem nós estudamos e falamos sobre a escravidão no Brasil, do negro, dessa grande quantidade de negros terem vindo para o Brasil, os africanos, lógico você lembra dos alunos nossos que são negros, no sétimo ano tem a M. E. [...] você fala de modo geral, justamente para que não haja algo, que se entenda que é algo normal se falar da questão do negro, a mesma coisa assim quando você vai falar de outras coisas [...] eu tenho até uma dificuldade em falar dessa questão da homossexualidade, que essa piada leva muito na brincadeira (Historiador)

*Concordo com o professor de história, essa é a maior entre as diversidades, é a diversidade de gênero, que é difícil.
(Pedagoga)*

Sobre essa questão o professor de história nos conta um relato, algo que aconteceu em sua sala e ele teve que lidar da melhor forma para não prejudicar nenhum dos envolvidos, principalmente um aluno;

*[...] que esse ou aquele é “quebra-mão”, ou seja, o que eles falavam, mas aqui a gente, eu sei que na época, entre nós, a questão do C, os alunos eles falavam dessa questão de que o C não sei o que... [...] eu tentava que na turma dele fazer com que isso não fosse, ninguém falasse, chegou um momento até mesmo que o C preferia fazer os trabalhos sozinho, ele não queria fazer com outros [...] então o que eu fazia, eu fazia sorteio, outra coisa, colocava 3, pois daí ficava 1 piá e 1 menina junto com ele, daí pra não ficar só ele em trio, fazia outros 2 ou 3 trios, pra poder então mostrar que não to diferenciando, mas não deixava mais ele fazer sozinho [...] quando vê foi se encaminhando para uma situação que ninguém mais queria sentar com ele e ele também não queria mais sentar ninguém, mas daí tentei contornar com essa maneira de pelo menos colocar uma menina e um piá junto com ele, para que ele não se sentisse também ou outros fazer piada em cima disso, foi um dos principais fatos que eu percebi dentro da sala com relação a essa questão de discriminação.
(Historiador)*

Como eu disse antes, as vezes acontece e a gente não fica sabendo, é bem provável, as vezes eles vem contar de alguma criança/adolescente que sofre bullying, ele vem contar quando ele não aguenta mais, então muitas coisas acontecem, não adianta dizer que não acontece [...] aqui é uma escola pequena então a gente consegue contornar de uma forma melhor, mas como eu falei, acontece, de uma forma velada, mas acontece.

Quando alguns reclamam, principalmente assim, a questão entre os pequenos, mais a Neiva que de sentir na Educação Física, por exemplo, das crianças que têm sobrepeso, é uma diversidade também, e essas crianças acabam sofrendo. (Pedagoga)

Após ouvir os relatos pude compreender também que as formações, cursos, disciplinas de graduação acabam não tendo a devida discussão sobre o assunto da diversidade ou nem existindo, e isso acaba trazendo dificuldades com determinados temas dentro da sala de aula, apesar deles conseguirem contornar algumas situações, ainda existem as dificuldades, como eles citam a questão LGBTQI+, e algumas vezes deixam de falar sobre determinadas questões por não saberem como falar. Muitas vezes também a questão de outros alunos fazerem piada, rirem de determinados assuntos mostra também a dificuldade que os docentes acabam tendo em falar sobre, a dificuldade talvez em conduzir a aula ou o tema que aparece.

Existem diversas leis, documentos, que falam sobre a diversidade, sobre o respeito, porém, não bastam apenas as leis, temos que ter uma mudança na nossa visão, nas formações de docentes, nas práticas, nos currículos. Apesar dos docentes estarem cientes da diversidade existente, por conta das dificuldades citadas durante toda a pesquisa, percebo que há um pouco de receio dos mesmos, e alguns acabam não falando sobre determinados temas em sala de aula, e encontram seus próprios meios para contornar determinadas situações, porém não falar sobre os assuntos que acabam surgindo também é um grande problema, o objetivo aqui não é apresentar soluções para isso, porém, sabendo que os cursos de formação são defasados, em alguns momentos as disciplinas dos cursos de graduação também, podemos de alguma maneira encontrar, como alguns docentes citam, sua forma para falar sobre o assunto, dizer aos alunos que vai estudar mais sobre e outro dia trazer um debate a respeito, existem algumas formas para que não deixemos os assuntos morrerem e sim que tenham um debate a respeito, pois sabe-se que alguns assuntos acabam tendo um esvaziamento, já explícito nos livros didáticos .

Considerações Finais

O ambiente escolar é de fato um ambiente onde temos presente a diversidade, cada indivíduo que está presente nesse espaço tem a sua história, a sua cultura, as suas vivências. A educação precisa trazer práticas que falem sobre respeito ao próximo, respeito ao que nos é diferente. Sabendo disso, é importante que os docentes conheçam esses indivíduos e tenham formações adequadas para que possam atender às necessidades de todos, de maneira a respeitar toda a diversidade existente, e é necessário também que além de formações o currículo seja adequado à diversidade.

Quando iniciei os estudos para esse trabalho de conclusão, a intenção era fazer uma pesquisa de campo, passar alguns meses acompanhando o dia a dia dos professores e também dos alunos, porém, pelos motivos já citados acima foi necessário mudar a direção de como coletar os meus dados, a solução foi usar outro método, a entrevista

Apesar de eu ter sentido falta da participação de mais docentes, acredito que pode-se concluir o objetivo da pesquisa, que era ouvir a visão, os relatos dos docentes, que aceitaram o convite, frente a esse assunto, entender suas dificuldades, ver um pouco como os alunos lidam com a diversidade em sala de aula, particularmente no Colégio pesquisado.

Pude perceber ao longo da entrevista como os docentes acabam tendo dificuldade em falar sobre o tema, lembrar de acontecimentos com relação a diversidade, e da dificuldade de se encontrar cursos que tragam esse assunto, que é algo muito necessário de se falar, sobre a diversidade de fato, o respeito, a igualdade, sobre como trazer os alunos, independente de cor, gênero, classe, etnia, cultura, pessoa com deficiência, para a sala de aula, sala essa onde todos possam se sentir acolhidos e percebam que podem ser eles mesmos.

Considerando a importância, e entendendo que não pude estudar de maneira mais aprofundada ainda o assunto, acredito que seja necessário estudos mais amplos, conversas com mais docentes, acompanhamentos na escola, para assim poder-se tirar melhores conclusões sobre.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências**. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014. Seção 1, p. 1, Ed. Extra.

_____. Ministério da Educação, SEB, DICEI. **Diretrizes Curriculares Nacionais Da Educação Básica**. Brasília, 2013 25 JUL. 2021

CANAU, V. M. F. **Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas**. *Educação*, 37(1), 33-41.2014

_____. **Sociedade, educação e cultura (s): questões e propostas**. Editora Vozes. 2002.

_____. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. *Currículo sem fronteiras*, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

CANEN, A; XAVIER, G. P. de M. **Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 48, p. 641-661, 2011.

CASTAÑO, G. G. **¿Interculturalidad para quién?** In _____. RESTREPO, Eduardo, Stuart Hall desde el sur: legados y apropiaciones. Buenos Aires, / Ayará Barés. CLACSO, 2014.

Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural – UNESCO. 2001. Disponível em:

http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf >. Acesso em: 19 jun. 2021.

DE MORAIS, L. M; VELANGA, C. T. **Diversidade cultural na escola: desafios para a prática docente**. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH*, v. 1, n. 1, jul-dez, p. 299-321, 2017.

DIVERSIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 27 jul. 2021.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** 1 ed., 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Gênero e Diversidade na Escola Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPES.

GONÇALVES, A. F. (2010). **Sobre o conceito de cultura na Antropologia.** *Cadernos De Estudos Sociais*, 25(1).

GUSMÃO, N. M. M. de. **Antropologia e educação: origens de um diálogo.** *Cadernos Cedes*, v. 18, n. 43, p. 8-25, 1997.

HALL, S. **A questão multicultural.** In _____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. SOVIK, Liv. (organizadora). Belo Horizonte / Brasília. Editora UFMG / UNESCO, 2003.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental.**1922.

RAMALHO, L. da S.. **Diversidade cultural na escola.** *Revista Diversidade e Educação*, v. 3, n. 6, p. 29-36, 2015.

SCÁRDUA, V. M. **A inclusão e o ensino regular.** *Revista FACEVV*, v. 1, n. 2, p. 85-90, 2008.

TOSTA, S. P. **Antropologia e Educação: Interfaces em Construção e as Culturas na Escola.** *Revista Inter-Legere*, v. 1, n. 9, 23 out. 2013.

Sobre a cultura como um todo coerente (Boas, Benedict, Mead) (Antropologia II, 2014, FFLCH - USP). disponível em <[http://enquantoensaio.blogspot.com/2015/01/a-cultura-como-um-todo-coerente.html#:~:text=Cada%20grupo%20cultural%20desenvolve%20sua,aproxima%C3%A7%C3%A3o%2C%20entre%20centros%20culturais%20vizinhos.](http://enquantoensaio.blogspot.com/2015/01/a-cultura-como-um-todo-coerente.html#:~:text=Cada%20grupo%20cultural%20desenvolve%20sua,aproxima%C3%A7%C3%A3o%2C%20entre%20centros%20culturais%20vizinhos.>)> acesso 18 agosto 2021